

Estas três notas mostram a ação do Espírito Santo na Igreja, e o quanto o Concílio Vaticano II é um grande dom do Espírito nos frutos que apresentou para a Igreja e para o mundo.

Breve conclusão

Do mistério trinitário emerge a fonte da Vida e da Revelação, possíveis pela graça de Deus que, para nossa salvação, se auto-comunica. Da Trindade vem Jesus, em quem acreditamos pela ação do Espírito Santo. De fato, Cristo e seu Espírito estão misteriosa e indelevelmente ligados, como diria Paulo: só reconhecemos que Cristo é o Senhor graças à ação do Espírito Santo.

A história de nossa salvação, fixada pela Bíblia, revela que a missão de Jesus foi preparada pela ação do Espírito, no Antigo Testamento. O mesmo Espírito Santo o assistiu em sua missão e na vida da Igreja desde as primeiras gerações.

Ante os desafios que reclamam da Igreja uma Nova Evangelização, ajoelhamo-nos diante da Trindade Santa e imploramos o dom do Espírito para vivenciarmos com fidelidade o Evangelho de Cristo, vivendo hoje e sempre como irmãos, filhos de um mesmo Pai.

BIBLIOGRAFIA

- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem* sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. Loyola. São Paulo 1996
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Vozes, Petrópolis 1968
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Vozes-Loyola, São Paulo-Petrópolis 1994
- COMBLIN, J. *O Espírito Santo e a Libertação*. Vozes, Petrópolis 1988
- _____. *O Espírito Santo no Mundo*. Vozes Petrópolis, 1978
- VV.AA. *Espírito Santo: Mistério e História*. In: *Concilium* 148 (1979/8)
- LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*, Paulinas, São Paulo 1985
- VV.AA. *O evento Cristo como obra do Espírito Santo*. In: *Mysterium Salutis*, vol. III/8, Vozes, Petrópolis 1974
- BOFF, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a Libertação*, Vozes, Petrópolis 1986

Pe. Francisco Zeno é Bacharel em Teologia e pós-graduando em Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

A ÁGUIA E A FÊNIX: DESAFIOS DA CIDADE À TEOLOGIA

Pe. Dr. Pedro Carlos Cipolini

“Relativamente ao estudo de Deus, quanto mais perfeito tanto mais difícil; Suscita em maior número as contradições, mais laboriosas devem ser as respostas”. São Gregório de Nazianzo in: *Discursos Teológicos*, XXVIII, n. 21.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende suscitar algumas questões referentes aos desafios colocados pela cidade à reflexão teológica. É uma tentativa sem pretensão maior que servir a um debate que favoreça o desenvolvimento do tema em nosso meio. Penso ser oportuna a escolha do assunto, neste momento em que “a urbanização rápida mostra, claramente, que o problema é a cidade”¹. É na cidade onde inicia-se o que se está chamando de era cyberspacial², uma verdadeira revolução “antropocósmica”, que vem exigir da teologia, um esforço proporcional, para rever a compreensão do

humano (e de todo o criado) como lugar do sagrado. A teologia, hoje, deve estar endereçada à cidade, mesmo porque “não se está nunca diante da cidade, mas quase sempre dentro dela, pois ela é um ímã”³.

O título deste trabalho procura expressar de forma simbólica os dois elementos em questão: águia (cidade) e fênix (teologia). A águia é um dos animais mais poderosos e enigmáticos: como uma máquina voadora, anula as distâncias com a rapidez de seu vôo. Ao mesmo tempo, é um animal sedentário, habita um local delimitado a vida toda. A fênix (um dos primeiros símbolos cristãos), é uma ave mitológica, misteriosa, capaz de renascer das próprias cinzas, assim como a pergunta sobre Deus renasce em cada geração na consciência da humanidade.

Além de propiciar um debate que possa lançar mais luzes sobre a questão aqui tratada, o objetivo é, tam-

¹ José COMBLIN. *Cristãos rumo ao século XXI, nova caminhada de libertação*, Paulus, S. Paulo 1996, p. 316. O autor indica que a cidade é o que existe de concreto, já que a sociedade nacional e internacional são abstrações: “A cidade é a política no concreto”.

² Leonardo BOFF. *Nova era e civilização planetária*, Ática, S. Paulo 1994, p.18.

³ R. ROLNIK. *O que é cidade*, Brasiliense, S. Paulo 1988, p. 13.

bém, provocar a esperança no futuro do cristianismo. Provocar a esperança é tarefa da teologia e dos teólogos, por isso “a evangelização precisa dos teólogos”⁴. Esperança de que as forças da Águia e da Fênix possam se harmonizar, ao invés de se demonizar.

Procura-se neste trabalho, em primeiro lugar, balizar o conceito de teologia: uma revisão sobre o que se entende hoje por teologia como “discurso sobre Deus”. Em seguida, tentou-se pontuar a incidência do Vaticano II na renovação da teologia católica. É oportuno, também, empreender uma síntese sobre alguns desafios mais importantes colocados à própria teologia hoje. Após tratar da fênix (teologia) em seguida tratamos da águia (cidade) e, por fim, coloca-se uma diante da outra ao tratar, por último, dos desafios colocados pela cidade à teologia.

Além do aspecto acadêmico, podem transparecer neste trabalho, integrados, outros níveis da reflexão teológica: o popular e o pastoral.⁵ O importante aqui, talvez, seja a contribuição para lançar luz sobre o problema, mais que a exatidão da forma, nível ou estilo da reflexão⁶.

1. TEOLOGIA: UMA ATIVIDADE COMPLEXA

A partir da metade do século XX passou a vigorar um pluralismo teológico que colocou em crise a “*theologia perennis*”, que por séculos garantiu a uniformidade do mundo teológico⁷. Este pluralismo, antes quase impossível, foi favorecido pelo Vaticano II. Ele nasce diretamente da riqueza da Palavra de Deus e da limitação e mutabilidade da inteligência humana e do contexto sócio-históri-

co-cultural. Este pluralismo teológico é legítimo⁸. Diante dele, a teologia aparece como uma tarefa complexa, tornando-se necessário contextualizá-la.

Teologia como ciência da Fé

Toda teologia é uma palavra (discurso) sobre Deus. Em última instância, Deus é seu único tema. O Deus de Jesus Cristo se apresenta como um mistério e, como tal, é objeto da reflexão teológica. A própria teologia conclui que: “*De Deus não podemos saber o que é, senão o que não é*”⁹. A teologia trata o absoluto de forma relativa. Ao mesmo tempo, Deus é um mistério que deve ser comunicado, pois esta comunicação é vida para todos; aí está toda a tarefa da teologia: a potência (homem) que busca a onipotência (Deus).

Esta busca se dá no terreno do diálogo entre a razão (dado que o homem só existe como ser racional) e a fé - pois sem fé não existe Teologia: “A teologia é a fé cristã vivida em uma reflexão humana”. A fé pede e impõe uma teologia. O célebre “*fides quaerens intellectum*” (a fé em busca da inteligência) formula adequadamente esta questão; a ela poderia acrescentar-se: “*intellectus quaerens fidem*” (a inteligência em busca da fé), pois

a própria razão reclama a Revelação contida nas Sagradas Escrituras que, juntamente com a Tradição, são as fontes da teologia.

A teologia esforça-se por discernir a inteligibilidade da Revelação, sendo que é a fé que dá fundamento ao caráter científico da teologia: “Sem a fé não é possível teologia científica. Fora da fé pode-se estudar, cientificamente, o cristianismo mesmo no seu conteúdo dogmático; trata-se, então, de pura ciência do espírito, e não da teologia, a qual estuda a realidade sobrenatural como realmente ela é. Santo Tomás escreve: ‘*Fides est quasi habitus theologiae*’”. Nos vários encontros internacionais de teologia, manifestou-se que a crise de fé é antes uma crise da cultura na qual esta fé se exprime: a cultura ocidental greco-romana. Esta crise vem exigindo da teologia o passar de uma linguagem dominada pelo dogmatismo, para uma linguagem que parta das mais profundas exigências humanas. “A teologia não pode, absolutamente, permanecer insensível aos efeitos ético-políticos de seu próprio discurso”. Ouvem-se por todos os lados reclamações por uma teologia que ilumine a vida a partir da inteligência da fé. Por uma educação vinculada à práxis, por uma cultura libertadora.

⁴ PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*, n.78. É inegável que em meio ao brilho da modernidade e pós-modernidade perpassa, às vezes, um calafrio de desespero: “O homem precisa esperar. A orgulhosa ciência, cujo nascimento e crescimento caracterizam o surgimento da Idade Moderna, não ajuda a esperar. Ou melhor, ela só criou ilusões”; N. BOBBIO. *Entrevista a Raul Moreira*. In: **Folha de São Paulo**, 12.01.1997, *Caderno Mais* p. 4. “Mas do ponto de vista geral, não tenho a menor esperança de ver coisas diferentes na minha frente. Lutei muito de verdade... E não deu em nada”, A. CALLADO, *Entrevista a M. SUZUKI e M. Stycer*. In: **Folha de São Paulo**, (26/01/1997), *Caderno Brasil* p. 12.

⁵ Cf. Clodovis BOFF. “*Epistemologia y metodo de la Teologia de la Liberacion*”. In: I. ELLACURIA e J. SOBRINO. *Mysterium Liberationis*, Trotta Ed., t.I, Madrid, p. 91.

⁶ “A teologia e todo tipo de discurso religioso padeceram do desconforto do império do cientismo”, J.B. LIBÂNIO e A. MURAD. *Introdução à Teologia, perfil, enfoques, tarefas*, Loyola, S. Paulo 1996, 35.

⁷ K. RAHNER. *Curso fundamental da fé*, Paulinas, S. Paulo 1989, p.19: “A teologia se tornou multidão de ciências particulares de que não se pode mais obter visão geral”.

⁸ Cf. “*L’Unità della fede e il pluralismo teológico*”, (Documento da comissão Teológica Internacional - 10.10.1972). In: *Civiltà Cattolica*, 1973, v.II, p. 368s.

⁹ Tomás de AQUINO, citado por Gustavo GUTIERREZ. In: *La verdade os hara libres*, Sígueme, Salamanca 1990, p. 15

O objetivo da teologia é, então, a compreensão crítica do conteúdo da fé, a fim de que a vida de fé possa ser plenamente significativa. Este conteúdo da teologia não é outro que o mistério global de Deus que se manifesta na encarnação de Jesus Cristo. A teologia jamais poderá avançar desvinculada do mistério de Cristo e da Igreja, que é seu corpo histórico e espaço onde se elabora a própria teologia. A teologia é sempre uma atividade exercida no interior da comunidade eclesial; ela emerge da comunidade cristã e a ela é devolvida; é uma função da Igreja, não é obra individual. A Igreja tem a função de anunciar, de pregar. A pregação exige a memória; a teologia é a memória da Igreja. Aqui, torna-se mais evidente a complexibilidade do fazer teológico. Diante da profunda exigência de mudança no discurso teológico, para que seja mais voltado para a vida e para o homem, vive-se a tentação de deixar de lado o objeto da teologia (mistério de Deus), as fontes da Teologia (Escritura e Revelação) e o local onde ela deve ser feita (Igreja).

Teologia voltada para o Homem

A exigência mais plausível feita à teologia, hoje, é que se volte para o homem. A teologia somente pode atin-

gir o homem contemporâneo se mergulhar na dura realidade conflitiva. “É hora de retomar o discurso teológico bipolarizado por Deus e pelo Homem. Caso contrário, estará perdida para sempre a semente lançada por Cristo”.

Esta reviravolta antropológica da teologia tem origem no grande princípio hermenêutico da fé e de toda teologia, que é Jesus Cristo. A encarnação é o fundamento do círculo hermenêutico: do homem a Deus e de Deus ao homem; da história à fé e da fé à história; da palavra humana à palavra do Senhor e da palavra do Senhor à palavra humana; do amor fraterno ao amor do Pai e do amor do Pai ao amor fraterno; da justiça humana à santidade de Deus e da santidade de Deus à justiça humana. “Cristo, o Verbo de Deus, é o centro de toda teologia, de toda linguagem sobre Deus”.

Uma nova maneira de fazer teologia

A teologia latino-americana tem partido da centralidade da encarnação, pois somente seguindo os passos de Jesus de Nazaré é que se pode chegar a Deus. O humano se torna também caminho para a reflexão teológica e, conseqüentemente, para a práxis eclesial¹⁰. Esta nova maneira de fa-

zer teologia, se caracteriza pela introdução da “vida/existência”, no primeiro momento da reflexão teológica.

A teologia é uma ciência primariamente especulativa e secundariamente prática, assim se entendeu por séculos. A função especulativa se compõe de um momento de escuta (*auditus fidei*) e de um momento de reflexão (*intellectus fidei*)¹¹ que se pode chamar de “ato primeiro”. O “ato segundo” é o momento do discurso, do falar. Em seguida, vem a função prática da teologia que é chamada a fecundar e sustentar a prática do Povo de Deus¹². A teologia latino-americana tem originalidade em seu método, no alterar esta ordem, ao introduzir a *prática* no momento que precede o discurso e no momento seguinte a ele. Na perspectiva da teologia latino-americana afirma-se que, primeiramente, se contempla e se *pratica* Deus, e só depois se O pensa, ou seja: o culto a Deus e o cumprimento de sua vontade são condição indispensável de uma reflexão sobre Ele¹³. A Teologia é, assim, um falar enriquecido por um silêncio, mas um silêncio não só de contemplar a

Deus fugindo do mundo, mas um silêncio contemplando-o na vida, e na prática em favor da vida.

Desta forma, a teologia fornece a linguagem para exprimir o Reino em chave libertadora, capaz de transformar o ódio em amor, incluir os excluídos e conferir um sentido à existência. A teologia mostra, assim, que a cruz de Cristo¹⁴ vincula a Igreja às vítimas e excluídos. Na superação do negativo, a fé cristã enfrenta sua prova extrema ao lançar luzes sobre a realidade, buscando transformá-la e libertá-la.

Podemos perceber que a tarefa da teologia é complexa e muito se tem por fazer para que ela cumpra, hoje, sua tarefa: *ars longa, vita brevis*. Pensamento da vida no tempo e pensamento do Eterno que entrou no tempo e, sobretudo, pensamento sobre o encontro entre o êxodo da existência humana e o advento constante de Deus: eis a teologia. Assim, a tarefa da teologia (tarefa hermenêutica, crítico-construtiva e dialogal) é “explicar tudo através de Deus, e explicar Deus como o inexplicável”, dirá Rahner. A

¹⁰ “...este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão: ele é a primeira e fundamental via da Igreja, via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da encarnação e da redenção”, JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*, n. 14.

¹¹ Cf. René LATOURELLE. *Teologia, ciência da salvação*. Paulinas, S. Paulo 1971, p. 71s.

¹² Cf. Batista MONDIN. *Introdução alla teologia*, Ed. Massimo, Milano 1991, p. 25-26.

¹³ Gustavo GUTIERREZ. *Falar sobre Deus*. In: *Concilium* 191 (1984) pp. 44-45.

¹⁴ Cf.: A cruz desfigurada/ mal entendida/ incompreendida; Hans KÜNG. “*Ser cristão é ser radicalmente humano*”. In: Leonardo BOFF (org.). *Igreja: entre norte e sul*, Ática, S. Paulo 1995, p. 75s.

teologia deve prosseguir seu caminho com firmeza mas também com humildade, sabendo que não existe saber total nem verdade pura¹⁵.

2. A TEOLOGIA RENOVADA PELO VATICANO II

Na história do pensamento ocidental registraram-se duas grandes reviravoltas: a do mundo para Deus (teocêntrica) e a de Deus para o homem (antropocêntrica). A primeira teve lugar quando o cristianismo suplantou o paganismo greco-romano, e a segunda com o surgimento da época moderna. A intenção primordial do Vaticano II é o “diálogo” com o mundo moderno. João XXIII traçou as coordenadas do Concílio: distanciamento de toda condenação, superação do divórcio com a modernidade e comunhão eclesial. O Concílio procurou desclericalizar a Igreja e torná-la católica, universal. Os reflexos se fizeram sentir na teologia. O Vaticano II foi uma experiência de profunda conversão, um modo novo de pensar, a redescoberta de verdades tradicionais num novo contexto, renovação

espiritual unida a um novo esforço intelectual para se abandonar velhos preconceitos¹⁶.

Pelas suas propostas e mais ainda pela maneira com que se desenvolveu, o Vaticano II foi o primeiro concílio dos tempos modernos. No Vaticano II iniciou-se a mudança para o paradigma da modernidade; esta é sua grande novidade, por isso pode-se dizer com razão que o mais importante é seu espírito e não seus documentos, se bem que o “espírito” do Concílio se faz conhecido em seus documentos. Ele funcionou sob um clima de diálogo, liberdade de expressão, pluralismo de posições, respeito às diferenças, valorização do secular, etc; todos estes, valores da modernidade¹⁷. O Concílio teve abertura até mesmo para dialogar com a teologia da morte de Deus e a teologia protestante da esperança, vigentes na época de sua realização. O Vaticano II incentiva o teólogo a ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, julgando-as à luz da Palavra de Deus (GS 44), além de incentivar os leigos a estudarem teologia (GS 62).

¹⁵ “Nem mesmo a teoria mais científica, nem a especulação mais metafísica, nem a palavra mais mística não podem se interdizer por estar concretamente inseridas nas malhas das determinações sócio-históricas e de exercer aí uma função objetiva” C. BOFF, *Teologia e Prática, Vozes, Petrópolis, 1978, p.63*

¹⁶ Bernard HARING. *Fé, História e Moral*, Loyola, S. Paulo 1990, p. 139s.

¹⁷ J. B. LIBÂNIO. *O Concílio Vaticano II e a modernidade*, Medellín 85 (1996) p. 55. O Vaticano II passou de uma tradição recente, estreita e esclerosada para a grande Tradição esquecida ou mal conhecida da Igreja, cf. P. VALADIER. *Catolicismo e sociedade moderna*, Loyola, S. Paulo 1991, p. 150.

Em relação à teologia, o Concílio, ao retomar o diálogo com o mundo, jogou nos ombros da teologia a ingente tarefa de refletir, à luz da fé, sobre a realidade complexa e plural da sociedade moderna. Tal fato desinstalou as sistematizações do passado, fazendo irromper uma temática múltipla, responsável pelo nascimento das teologias do genitivo (do progresso, da política, da história, etc.)¹⁸. O movimento teológico mais importante e significativo que se desenvolveu depois do Concílio é, sem dúvida, a teologia da libertação¹⁹ (marco inicial do surgimento das teologias do terceiro mundo) na busca do que propunha o Concílio:

“É necessário que se estimule em cada grande território sócio-cultural a pesquisa teológica. Na esteira da Tradição da Igreja universal, submetam-se à nova investigação os fatos e as palavras revelados por Deus, consignados nas sagradas Escrituras e explicados

*pelos Padres e pelo Magistério da Igreja. Assim, mais claramente perceber-se-á por que caminhos a fé pode procurar a inteligência. Fé que leva em conta a filosofia ou sabedoria dos povos”*²⁰

O Concílio exige uma teologia renovada, um método teológico com inspiração mais bíblica e pastoral, cujas características são: a) abertura para as portas do pensamento histórico, acolhendo o pensamento moderno, b) confirmação da teologia como ministério da Igreja em constante renovação no contato de suas fontes, c) reconhecimento do pluralismo teológico, d) superação de uma teologia feita como repetição do magistério, e) afirmação de que a teologia não possui uma finalidade em si mesma mas está a serviço da missão, f) a volta da teologia para os “sinais dos tempos”²¹, enfim, indica-se a teologia como detentora de uma dimensão histórica, pois não basta interpretar o mundo e o homem a partir da fé, mas é necessário transformá-lo²².

¹⁸ Cf.: M. F.MIRANDA. *A situação da teologia no Brasil hoje*. In: *Perspectiva Teológica* 19 (1987) p. 367-368.

¹⁹ Cf. Batista MONDIN. In: op. cit., p. 139

²⁰ CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes* n.22. A *Dei Verbum* n. 24, coloca a Sagrada escritura como “a alma da Teologia”, isto já é uma renovação considerável na teologia.

²¹ “Desde a *Gaudium et Spes*, tornou-se lugar comum dizer que os Sinais dos Tempos são o novo lugar da Teologia de hoje (...) Este novo lugar toma vários nomes: a vida da Igreja, a experiência dos fiéis e das comunidades cristãs, a base, os pobres e oprimidos, a práxis da libertação, o *sensus fidei*, a história da Igreja...” Clodovis BOFF. *Teologia e Prática, Vozes, Petrópolis 1978, p.305*.

²² Cf.: J. PEGORARO. *Ciências instrumentais e teologia fundamental*. In: *A nova emergência da reflexão teológica*, Paulinas, São Paulo 1986, p. 19s.

A consequência destas coordenadas para a teologia é o surgimento de uma nova perspectiva teológica que inclui: interdisciplinariedade, a justa liberdade de pesquisa teológica, o pluralismo teológico, a práxis da Igreja como elemento fundamental da teologia²³ e o reconhecimento da realidade como fator determinante²⁴.

A teologia do Concílio é sobretudo "Kerigmática", porque haurida diretamente do *kérygma*: anuncia mais a Cristo do que as verdades especulativas, apresentando-o como realização plena do homem histórico, procurando responder às suas interrogações e problemas. Enfim, um fator novo e extremamente importante: teologia do Vaticano II "sabe dirigir-se ao leigo, deixou de ser repetição, tornando-se reflexão"²⁵.

3. DESAFIOS IMEDIATOS À TEOLOGIA

São apontados, atualmente, muitos sinais de esperança para a teologia: o crescimento da atuação dos leigos no

campo teológico, a diversidade ou pluralismo teológico que abre seu caminho, uma teologia mais ecumênica e inculturada, uma teologia voltada para colaborar com a pastoral e, sobretudo, uma teologia que tenta ultrapassar a racionalidade cartesiano-kantiana²⁶. De forma geral, reconhecer a presença do Mistério de Deus é o grande desafio colocado pela civilização emergente às religiões e teologias, em especial à teologia católica, que tem sido matriz de sentido neste campo. Entre os muitos desafios feitos à teologia, destacam-se quatro de importância capital:

Investigar em clima de diálogo, abertura e procura

A teologia é desafiada a falar ao homem em uma linguagem inteligível e isto exige um diálogo profundo com o homem e a realidade por ele organizada (ou desorganizada). O conceito de diálogo se propagou durante o Vaticano II e foi proposto à Igreja por

Paulo VI (Ecclesiam Suam)²⁷. Para dialogar, é necessário ouvir e compreender em primeiro lugar, deixar de lado o ranço de constantinismo imperial pagão, o absolutismo monárquico. Por falta de diálogo nossa teologia torna-se, às vezes, por demais doutrinal-cerebral (informa, ensina, esclarece) e pouco sapiencial-profética (impressiona, aquece, comove)²⁸.

Esta atitude de diálogo e abertura é essencial para compreender o homem de hoje atormentado pela ocupação com a sobrevivência, a tristeza e o vazio²⁹. Vazio que ele procura preencher num egocentrismo exacerbado, no qual ele se faz o próprio Deus como bem descreve Fernando Pessoa:

*Às vezes sou o deus que trago
em mim / E então eu sou o deus, o
crente e a prece / E a imagem de
marfim / Em que este deus se es-
quece*³⁰.

Diante deste homem, mais que condenação e intolerância, a teologia deve olhar com misericórdia porque do ponto de vista da Revelação, a miséria (do homem) atrai a misericórdia (de Deus): "*Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso*" (Lc 6, 36).

Todos os dogmas estão abertos para o amanhã, afirma K. Rahner. A teologia deve evitar "uma pura e simples repetição das conclusões das ciências humanas que renuncia os pontos centrais do conteúdo da fé"³¹ porém, por outro lado, deve evitar a pura repetição do passado. Só a teologia que realizou sua auto-crítica e se refontalizou ajudará a "civilização planetária" a expressar-se religiosamente. A Teologia precisa acolher e trabalhar os novos paradigmas que lhe são propostos³². A falta de diálogo tem gerado dois tipos de teologia: uma para os iniciados (que se ensina nas Universidades) e outra para os leigos

²³ "Ontem: a teologia como ciência. Hoje: a posição primordial de que antes de ser ciência a Teologia emana da fé vivida do Povo de Deus, cuja práxis histórica faz parte da inteligência da fé"; M. D. CHENU. *A atualidade do Evangelho e a Teologia*. In: **Páginas** 42 (1981) p. 6.

²⁴ Cf.: J. PEGORARO. Op. Cit. p. 21. Ótima análise da teologia no período do Concílio Vaticano II e nos anos posteriores se encontra na obra de R. WINLING. **La teologia del siglo XX. La teologia contemporánea (1945-1980)**. Sígueme, Salamanca 1987.

²⁵ Roberto Mascarenhas ROXO. **O Concílio, Teologia e renovação**, Vozes, Petrópolis 1967, p. 23. Cf. tb.: M. Mc Grath. *II Concílio Vaticano II y el futuro*. In: **Medellin** 86 (1996) 11-36.

²⁶ Cf. J. B. LIBÂNIO e A. MURAD. In: op., p. 23-37.

²⁷ O impacto criado pelo tema conciliar do diálogo foi tão forte que repercutiu na sociedade inteira, Cf. J. COMBLIN. *Vaticano II, vinte anos depois*. In: **Vida Pastoral** (nov/dez. 1985) pp. 2-6.

²⁸ Sobre a dimensão afetivo-emocional da inteligência, Cf.: D. GOLEMAN. **Inteligência Emocional**, Objetiva, Rio 1996.

²⁹ Cf. R. MAY. **O homem a procura de si mesmo**, Vozes, Petrópolis 1973.

³⁰ *Novas poesias inéditas*. In: **Obra Poética**. Ed. Nova Aguilar, Rio 1995, p. 676.

³¹ J. M. TILLARD. In: T. CABESTRERO (org.) **La fede nel pluralismo della cultura**, Cittadella Ed. Assisi 1979, p. 289s.

³² Cf. Marcio Fabri dos ANJOS (org.). **Teologia e novos paradigmas**, Loyola, S. Paulo 1996.

(ensinada nos púlpitos); isto precisa ser superado³³. Não existem soluções universais nem mesmo no âmbito do cristianismo. O Vaticano II nos surpreende ao ensinar que: “Pela fidelidade à consciência os cristãos se unem aos outros homens na busca da verdade e na solução justa de inúmeros problemas morais que se apresentam, tanto na vida individual quanto na social”³⁴.

Uma nova sensibilidade para fazer teologia

A teologia e a Igreja cristã são, hoje, convocadas a despertar daquilo que se poderia definir como ‘esquecimento da criação’³⁵. Estamos assistindo ao despertar de uma nova “sensibilidade cósmica”, na qual se crê que nenhum ser é ele mesmo tomado separadamente: tudo está interrelacionado. O paradigma holístico propõe a redenção como tarefa que visa todo o criado. Isto faz uma exigência

à teologia e aos teólogos, naturalmente: “Os teólogos precisam pensar experimentalmente (caráter construtivo), devem arriscar novas construções para serem teólogos do novo tempo”³⁶. Assim, o desafio das religiões históricas e suas teologias é resgatar a fé como experiência originária e recriar a religião, a *re-ligação* de todas as coisas em meio à crise de sentido global na qual vivemos.

A teologia tem que responder à emergência de uma nova consciência planetária que aponta para a percepção de que há um vínculo (a dinâmica do universo) que perpassa tudo, tudo unifica para levar a criação a patamares mais altos da existência. Percebem-se os seres humanos e a criação numa renovada percepção, em um novo horizonte de sentidos; a terra é vista como um organismo vivo³⁷. Considerem-se outros fenômenos como a acelerada “mutação tecnológica” onde a base das rela-

ções sociais está na comunicação e informatização e não mais do trabalho humano, no processo de “mundialização ou globalização” da economia com o surgimento dos megaconglomerados e a terrível exclusão dos mais fracos³⁸. São, todos estes, fatores que exigem uma nova sensibilidade quanto ao que fazer teológico.

Compromisso com a justiça do Reino

O primeiro compromisso do teólogo é anunciar e expressar a justiça e a paz contidas na Revelação. A opção pelos pobres constitui, hoje, o critério de universalidade e credibilidade do cristianismo e por que não dizer: da teologia também? São dois traços da humanidade que compõem este “povo de crucificados”. Diante deste povo, a teologia não pode ocupar-se somente do passado ou de repetir fórmulas dogmáticas. Seu desafio é falar do Deus bom e justo diante da maldade e do sofrimento. Esta teologia não se esgota, simplesmente, no que os teólogos disseram sobre a realidade, mas o que a própria realidade, hoje, fala do homem e da sociedade à teologia.

Nesse contexto, cabe à teologia vislumbrar um futuro de esperança nesta opção pelos pobres (a chave do

amor abre as portas do céu) e esconjurar o medo, pois o contrário da fé é o medo que paralisa (a chave do medo abre as portas do inferno). O Reino de Deus vem por meio do pobres - isto é uma verdade evangélica inegável - porém, é para todos: optando pelos pobres Jesus opta por todos. A infalibilidade da bondade e da compaixão (ortopraxis) por ser mais facilmente compreensível, dá testemunho da verdade hoje, tanto quanto a infalibilidade da doutrina (ortodoxia).

Teologia com rosto de mulher

A experiência da mulher, exprimindo-se numa Igreja de tradição antropocêntrica, devolve ao discurso teológico o outro lado da experiência humana. As mulheres começam a expressar sua experiência de Deus de outro “jeito”, um jeito que não exige somente a razão como única mediadora do discurso teológico, mas que inclui todos os valores e a percepção da mulher: “O pensamento feminista foi o maior desafio já feito à filosofia e teologia dominadas pelos conceitos antropocentristas; introduz a recusa em trabalhar, dividindo pensamento do sentimento/experiência, conteúdo da forma e teoria da prática”³⁹.

As mulheres se tornam, pela primeira vez, sujeito da vivência de sua

³³ Esta é a opinião do teólogo alemão H. HERDER, na longa entrevista concedida a K. Obermuller em forma de livro intitulado *No os dejéis arrebatat la libertad. Por un diálogo abierto en la Iglesia*. E. Herder, Barcelona 1994, pp. 23-24.

³⁴ *Gaudium et Spes* n.16. Surpreendente mais ainda quando se dirige aos leigos para afirmar: “Não julguem serem os pastores sempre tão competentes que possam ter uma solução concreta e imediata para toda a questão que surja, mesmo grave, ou que seja esta a missão deles”; Idem, n.43.

³⁵ R. GIBELLINI. *O debate teológico sobre a ecologia*. In: *Concilium* 5 (1995) p. 162. S. Paulo vai escrever aos romanos que toda a criação sofre a anseia pela libertação total (Rm 8, 22-23).

³⁶ S. McFAGUE. *Modelos de Deus*. Paulus, S. Paulo 1996, p. 21

³⁷ Cf.: Leonardo BOFF. *Nova era e civilização planetária, desafios à sociedade e ao cristianismo*, Ática, S. Paulo 1996.

³⁸ A respeito desta temática, além dos livros já conhecidos e sempre citados de H. HASMANN, Cf. M. FEATHERSTONE. *Cultura Global*, Vozes, Petrópolis 1996.

própria experiência de fé, bem como da formulação da mesma (isto parece irreversível)⁴⁰, o que vai exigindo uma transformação profunda na reflexão teológica.

4. A CIDADE (TECNÓPOLIS) COMO PALCO DA CULTURA “CYBERSPACIAL”

É na cidade, metrópole ou megalópole (que engoliu o campo e a sociedade rural), que o processo de globalização - e demais mudanças que ocorrem no mundo, acontece⁴¹. “A cidade global é uma expressão nucle-

ar da sociedade global...”⁴². É nas cidades que as pessoas começam a perceber, um tanto tardiamente, que a sociedade industrial está se aproximando de seu fim⁴³. Apesar dos contrastes imensos e contradições inerentes à cidade, ela tem que deixar de ser vista com uma visão pré-moderna, como sinônimo de caos e desagregação.

No mundo urbano, a experiência religiosa, a experiência do sagrado acontecem em condições novas porém, deve-se descartar de início, o pessimismo em relação à cidade, pois ela tem um potencial capaz de ser direcionado para a comunhão e parti-

³⁹ D. TRACY. *Impacto das teologias feministas na Teologia da Igreja Católica Romana*. In: **Concilium** 263 (1996) pp. 116-118. Ivone GEBARA. **Teologia em ritmo de mulher**. Paulinas, S. Paulo 1994. Sobre a nova linguagem teológica que contempla Deus como amor de mãe e amor de amante (Cf. S. McFAGE. In: op. cit., p. 139-203) a teologia tradicional alega que Deus não pode ser visto desta maneira pois é espírito, porém as teólogas assumem o debate e respondem, Cf. R. R. RUETHER. **Sexism and God-Talk: Toward a Feminist Theology**. Beacon Press, Boston 1983. Um dos maiores atributos de Deus, a misericórdia, é uma palavra que tem raiz feminina (seio materno, entranhas - *réhem* 1 Rs 3,36, *rahamim*), Cf. X. L. DUFOUR. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Vozes, Petrópolis 1972.

⁴⁰ Cf. C. HALKES. *Teologia feminista: balanço provisório*. In: **Concilium** 154 (1980) p 11s. Cf. tb.: JOÃO PAULO II. **Mulieribus Dignitatem**.

⁴¹ Em 1960, 62% da população mundial vivia em zonas rurais e somente 20% nas mais de 50% nas cidades com mais de 100 mil habitantes, este processo de hiperurbanização porém, parece estar apenas nos seus começos: Cf.: R. TAMARES. **Um nuevo ordem mundial**. Espa-Calpe Ed., Madrid 1991, p. 63.

⁴² O. IANI. **A cidade global**. Cultura Vozes 2 (1994) p. 34. A respeito dos elementos de uma teologia da cidade.

⁴³ Cf. In: A. e H. TOFFLER. **Criando uma nova civilização**. Record, Rio 1995, p. 30.

⁴⁴ Cf. T. CRUZ. **A catequese e o desafio da cidade**. Paulinas, S. Paulo 1994.

cipação⁴⁴. Que ela seja, hoje, “terra de missão”⁴⁵ é evidente, mas não pode ser vista como terra de perdição (Babilônia). Ela é, também, local de louvação (Jerusalém); a História da Salvação inicia-se no campo (Éden) e termina na cidade (Nova Jerusalém, Ap. 21,9-10). Assim a cidade, a criação mais típica do homem, é símbolo da criação toda, transfigurada por Deus. Entre todas as formas do sagrado que se podem manifestar ao homem na cidade, está ela própria: a cidade. “Não é necessário acrescentar à cidade realidades novas, para fazê-la sinal de Deus. Ela o é em toda sua realidade, o é na relação do homem com a cidade”⁴⁶.

Cidade como “obra-prima” da modernidade (e da pós- modernidade)

Todos estão de acordo que a modernidade não é, propriamente, um conceito sociológico, nem político, nem histórico, mas um modo de civilização característica, homogênea, que se irradia desde o ocidente. Moderno⁴⁷ não se contrapõe tanto a antigo, quanto a tradicional, por isso afeta todos os domínios, inclusive o da religião. João Batista Libânio faz uma análise bastante precisa da modernidade (que assumo, embora a ache um tanto pessimista)⁴⁸. A modernidade, embora nascida de dentro da cristandade, vai elaborar um discurso extremamente crítico da mesma⁴⁹. A modernidade impõe o império da razão e da ciência embora, atualmente, comece a ser questionada. O mundo se transforma em uma grande vitrine que açula os desejos, mostrando todas as belezas

⁴⁵ “Já antes do Concílio, era comum atribuir a algumas metrópoles ou regiões cristãs, a classificação de terra de missão”; JOÃO PAULO II. **Redemptoris Missio**, n.32. Paulo VI em 1971, já colocava o processo de urbanização como o maior desafio dos tempos modernos ao trabalho da Igreja; Cf. **Octogésima Adveniens**, ns. 8-12. Cf. tb., PUEBLA: cidade como motor da nova civilização universal n. 429 e SANTO DOMINGO. **Cidade pós-industrial e evangelização**, n. 255-298.

⁴⁶ J. COMBLIN. **Teologia da cidade**. Paulinas, S. Paulo 1991, p. 293; Cf. tb.: Pedro Carlos CIPOLINI. **Teologia e Pastoral da Igreja na cidade**. In: **REB** 55 (1995) pp. 594-597.

⁴⁷ Moderno: “... é uma idéia reguladora (ou desreguladora), uma cultura, um estado de espírito (conjunto de aspirações, de buscas, de valores) que se impõe no final do sec. XVIII...”, J. M. DOMENACH. **Approches de la modernité**. École Polytechnique, Paris 1986, p. 14.

⁴⁸ Cf.: J. B. LIBÂNIO. **Modernidade e desafios evangelizadores**. In: VV.AA. **Vida Clamor e Esperança**. Loyola, S. Paulo 1992, pp. 87-102. Cf. Tb.: J. J. QUEIROZ. **As religiões e o sagrado, nas encruzilhadas da pós-modernidade**. In: VV.AA. **Interfaces do Sagrado em vésperas de milênio**. CRE/PUC-SP/Ed. Olho D'Água, S. Paulo 1996, pp. 9-22.

⁴⁹ A Igreja também fez sua crítica à modernidade; Cf.: PIO X. **Encíclica Pascendi Dominici Gregis e Decreto Lamentabili**, Vozes, Petrópolis 1948.

da sociedade capitalista, produzidas pelo mercado; mercado impulsionado pela memória eletrônica que suplantou, infinitamente, a imprensa surgida nos albores da época moderna.

Vence-se a barreira dos lugares e instala-se a mobilidade e a instabilidade que penetram em todos os seguimentos da sociedade, o que foi muito bem expresso por Lulu Santos e Nelson Motta:

Nada do que foi será
de novo, do jeito que já foi um dia.
Tudo passa,
tudo sempre passará,
A vida vem em ondas como o mar,
num indo e vindo infinito.
Tudo o que se vê, não é
igual ao que a gente viu há um
segundo
tudo muda o tempo todo, no mundo...

As conseqüências éticas e culturais são impressionantes: “cria-se a lei de se aproveitar o máximo possível no mínimo possível de tempo, de levar vantagem em tudo. Impera a corrupção em todos os níveis e graus (...) Cria-se uma cultura ainda mais individualista”⁵⁰. Porém, em meio a esta situação, Libânio vê lampejos de esperança, pois a modernidade está engendrando em seu próprio seio, de maneira paradoxal, um movimento novo, emergente, um surto comunitário: “Fenômeno moderno, mas que adquire em nossas comunidades eclesiais de base uma originalidade única”⁵¹. Esta perspectiva coincide com o que muitos estudiosos da cidade começam a vislumbrar⁵².

Pois bem, a cidade é o local onde aparece o rosto da modernidade com maior evidência; podemos até dizer que a cidade é sua obra-prima.

⁵⁰ J. B. LIBÂNIO. In: op. cit. p. 100.

⁵¹ Ibidem, p. 101. Características da modernidade segundo Júlio de Santa Ana: tentativa de dominação do tempo e do espaço, surgimento da ciência a serviço dos que têm poder real, desmistificação do universo que perde seu encanto: a ordem do universo não se baseia mais em elementos teológicos, mas na natureza, consciência de autonomia: “visto que a burguesia não conhece mais do que as leis naturais, trata-se da lei da selva. O burguês não conhece a solidariedade. Afirma o individualismo acima de todas as coisas”; Cf. Julio de SANTA ANA. *Teologia e modernidade*. In: VVAA. *América Latina 500 anos de evangelização*, Paulinas, S. Paulo 1990, pp. 174-204.

⁵² “Os verdadeiros construtores de políticas para a cidade do futuro serão uma mescla de líderes comunitários e políticos distritais, a maioria deles rostos anônimos para os meios de comunicação de massa. Serão responsáveis de novas formas de administração que tomarão em conta a crescente informalidade das economias urbanas e seu impacto na forma física das cidades”; J. H. HARDOY. *La ciudad del futuro*. In: M. HECK (org.). *Grandes metrópoles de América Latina*. Memorial Ed., S. Paulo 1993, p. 282.

O homem urbano: homem “light”

A emergência de uma nova forma de subjetividade é um dos traços mais característicos de uma nova cultura que se encontra, hoje, em formação nas cidades. Esta cultura tem como base antropológica uma compreensão da pessoa humana, sobretudo com uma pluridimensionalidade de afetos, sentimentos, intuições, mística, etc., ultrapassando-se, assim, a definição racional cartesiana: “*cogito ergo sum*”.

Penso que a melhor descrição do homem na cidade é a que faz Enrique Rojas ao delinear o perfil do homem da cidade como “*homem light*”: “Assim como nos últimos anos entraram em moda certos produtos *light*, também foi sendo gerado um tipo de homem que poderia ser qualificado de *homem light*”⁵³. É um homem, em linhas gerais, relativamente bem informado, mas de escassa formação humanista, voltado ao pragmatismo.

Tudo lhe interessa, mas de forma superficial. Não é capaz de fazer uma síntese daquilo que percebe, conseqüentemente, converte-se em uma pessoa superficial e frívola que aceita tudo, sem critérios sólidos em sua conduta. Nele tudo é etéreo, banal, leve, volátil e permissivo. Não é religioso, abandona as utopias e o social desertando da religião. “Um ser humano rebaixado à categoria de objeto, repleto de consumo e bem-estar, cujo fim é despertar admiração ou inveja”⁵⁴.

O homem da cidade se sente dividido, incompleto e busca, muitas vezes, até mesmo de forma inconsciente, a sua completude⁵⁵. Solidão, vazio e ansiedade, são seu pão cotidiano. A solução que Enrique Rojas propõe é a volta aos valores esquecidos: “Um dos principais valores é o humanismo, baseado numa formação moral sólida, aberta e pluralista, cujas coordenadas não dão prioridade ao sucesso material, ao prazer e ao dinheiro”⁵⁶. Neste humanismo a ser resgatado tem a teologia um papel importante.

⁵³ E. ROJAS. *O homem moderno, a luta contra o vazio*. Ed. Mandarim, S. Paulo 1996, p. 13. Das páginas 69 a 83 o autor descreve a “*vida light*” de forma bastante apropriada.

⁵⁴ Ibidem, p. 16.

⁵⁵ Assim Italo Calvino, romancista italiano, descreve o que poderia muito bem ser aplicado ao homem da cidade no seu romance *Il visconte dimezzato*: “Pamela, isso é o bom de ser partido ao meio: entender de cada pessoa e coisa no mundo a tristeza que cada um e cada uma sente pela própria incompletude. Não só eu sou um ser dividido e desarraigado, mas você também e todos”; Italo CALVINO. *O visconde partido ao meio*. Companhia das Letras, S. Paulo 1996, p. 73.

⁵⁶ E. ROJAS. In: op. cit., p. 133.

Reflexos na religião, da condição pós-moderna vivida na cidade

Em se tratando de religião, é preciso pontuar logo de início que “o mundo em que vivemos não é cristão (...) entendendo-se por mundo, o sistema das vigências sociais”⁵⁷. Por outro lado, a religião não é tão invisível como pretendia Thomas Luckmann. A secularização foi incorporada pela cidade, mas, talvez, seja muito mais a crise ou marginalização de uma forma social de religião: a religião de Igreja, burocratizada e institucionalizada⁵⁸. Assim é como vê Harvey Cox: ao afirmar que “o aparecimento da civilização urbana e o colapso da religião tradicional são dois sinais da nossa era e dois movimentos intimamente relacionados”⁵⁹. O que acontece é que a religião se tornou algo a mais, como qualquer coisa. Um serviço a mais na cidade banalizouse. Antes se construía uma Igreja em

uma praça; hoje, ela é construída na rua em meio a lojas e outros edifícios comuns.

Muitos advogam ser o niilismo, um dos aspectos mais evidentes da pós-modernidade, tendo em Nietzsche um de seus oráculos maiores. Proclama-se o fim dos valores, dos ideais e instituições tais como família, Estado, consciência, sujeito, verdade, Deus, etc. Em seu lugar renascem muitos temas, antigamente considerados insignificantes: desejo, sexualidade, loucura, o lúdico e a poesia, tendo como centro o indivíduo e a vida do dia-a-dia. “O niilismo liberaria o indivíduo das velhas crenças, instaurando um mundo em que não há mais lugar para Deus e nem para o diabo”⁶⁰. Valores tradicionais, como Pátria e Religião, continuam existindo somente na linguagem oficial, porém na cabeça das pessoas já não existem mais.

Seria a pós-modernidade o túmulo da fé? Seria a modernidade a época de uma fé indeterminada, sem Deus? Lançando um olhar para a imensa

quantidade de seitas e “religiões” que pululam na cidade na trilha da crise racional, somos levados a pensar que toda esta crença se transforma em busca psicológica, iluminação interna, procura individual de bem-estar e salvação. A este respeito, parece plausível o que escreve Jean-Marie Guéhenno: “O que buscamos nas religiões é, exatamente, o aspecto contingente: num mundo onde tudo tem uma função mas nada tem sentido, reverenciamos o indeterminado como último refúgio do sentido”⁶¹.

O otimismo que cercou a secularização nas décadas passadas, julgando que nela a batalha era entre a razão e a religião, parece desvanecido. A batalha que se trava, mais que entre razão e religião parece ser uma batalha entre uma multidão de deuses. Isto porque a cidade não é somente fundação da razão; ela tem, também, seus fundamentos sagrados: é preciso perceber debaixo da roupagem da secularização, o sagrado que funda a cidade, além dos ídolos do desejo⁶². Um dos maiores desafios dos cientistas da

religião é mapear a imensa quantidade de modalidades do sagrado que explode em todos os cantos da cidade. “Por outro lado, sem dúvida, desponta um novo caminho da religião que, em muitos aspectos, se afasta dos moldes tradicionais”⁶³. A religião e o sagrado também estão em uma virada de mudanças, o que provoca o emergir de muitos paradoxos e contradições. Nem o humanismo ateu, nem o socialismo ateu e tampouco a ciência ateu consegue substituir a religião: “Hoje em dia, fala-se antes de uma era pós-ideologias do que de uma era pós-religiosa”⁶⁴.

Algumas características básicas da cidade

Civilização do desejo e dos sentidos. A megalópole moderna é filha da mão invisível do mercado, do consumismo⁶⁵. Toda grande cidade parece delinear um jogo, entre oferecimento e prazeres e a negociação dos mesmos. A identidade está nas coisas que cada um possui, por isso, o pobre não é nada.

⁵⁷ J. MARIAS. *Introdução à filosofia*. E. Duas Cidades, S. Paulo 21996, p. 79.

⁵⁸ Cf. T. LUCKMANN. *La religión invisible*. Sigüeme, Salamanca, 1973, p. 47, onde fala da marginalização da religião orientada para Igreja nas sociedades modernas. A cidade parece imunizada em relação à religião tradicional e institucional; a cidade não é o lugar onde a religião possa triunfar, porém não é um lugar impermeável a toda experiência religiosa. Ela se constitui em lugar desafiador para a vivência dos valores evangélicos: se está imunizada quanto às religiões, não o está certamente quanto ao Evangelho.

⁵⁹ Cf. In: *A cidade do homem, secularização e urbanização na perspectiva teológica*. Paz e Terra, Rio 21971, p. 11.

⁶⁰ J. J. QUEIROZ. In: op. cit. p. 14.

⁶¹ J. M. GUÉHENNO. *O fim da Democracia. Um ensaio profundo e visionário sobre o próximo milênio*. Bertrand Brasil Ed., 1994, p. 98. Á página 107, Guéhenno escreve ser o dinheiro, “a única religião que tenha hoje uma vocação universal”. Guéhenno imagina o mundo do século 21 como o Império, “sem centro ou imperador, uma Roma da idade eletrônica, ameaçada pela falta de uma alma”.

⁶² Cf. J. M. CORTEZ. *La megápolis moderna: una nueva versión de Babel?* Sal Terrae 84 (1996), p. 198.

⁶³ Cf., J. J. QUEIROZ. Op. cit. p. 15.

⁶⁴ Hans KÜNG. *Projeto de ética mundial*. Paulinas, S. Paulo 1992, p. 70.

A cidade aparece como pátria das multidões solitárias, dos indivíduos isolados, incapazes de uma solidão humanizadora. A orientação da megalópole vai em busca das coisas e não das pessoas. O indivíduo deseja comunicação e companhia, mas está incapacitado para recebê-los. "O inferno são os outros", como dizia Sartre. Vence o individualismo.

Na cidade, passa a existir uma outra relação com o espaço e o tempo. Impera a "ética do instante", a urgência transforma-se em ideologia⁶⁶. Tudo muda continuamente, todos os valores que ainda persistem são continuamente revisados.

Local de complexidade, diferenças e fragmentação. A cidade é policêntrica, tem muitos pólos de articulação. Não é mais tricêntrica (igreja, praça, casa). As cidades são cada vez mais impensáveis sem automátveis. Torna-se sempre mais difícil um planejamento para a cidade toda.

Realidade de exclusão das massas, presença constante do medo e da violência. A exclusão da massa é

um reflexo das crises da sociedade vividas na cidade: crise formal (do paradigma funcional), crise do desejo (do paradigma secularista), crise do Estado (paradigma neoliberal) crise dos serviços urbanos. A cidade é local onde a exclusão social aparece mais visível.

5. DESAFIOS DA CIDADE À TEOLOGIA

Como último momento desta reflexão, vem a questão propriamente dita que justifica o título deste trabalho: os desafios colocados pela cidade à teologia. São inúmeros, porém se deve escolher alguns principais ou mais urgentes. É o que fiz, levando-se em conta que o desafio global feito pela cidade à teologia é falar de Deus e, principalmente, do Deus de Jesus Cristo em um contexto de indiferentismo, mais do que de negação: "É, às vezes, difícil afirmar que Deus está presente nessa transformação urbana, mas Ele está"⁶⁷.

Desafio de tornar a Palavra de Deus inteligível à cidade

De acordo com a tradição mais antiga, a teologia tem como finalidade a iniciação à leitura e compreensão da Sagrada Escritura. Para os teólogos dos primeiros séculos, a teologia é fundada no estudo da Palavra revelada. A verdade salvífica é conteúdo da vida de fé em toda a Igreja, a qual se reconhece na Escritura. Inácio de Antioquia afirmava que a Igreja deve sempre voltar-se à Escritura, tanto quanto ao Corpo de Cristo (*tanquam ad carnem Christi*)⁶⁸. Dar uma iniciação à leitura teológica da Bíblia, tal é a finalidade da teologia chamada dogmática ou sistemática⁶⁹. O Vaticano II vai retomar este direcionamento inicial da Teologia ao ensinar que "a Sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na Palavra de Deus escrita e na Tradição"⁷⁰.

O primeiro desafio da Teologia na cidade seria, portanto, traduzir a Palavra de Deus em linguagem que seja compreensível ao homem da megaló-

pole. Em primeiro lugar, iluminando com a luz da Palavra revelada os acontecimentos e situações, em seguida, propondo os temas fundamentais do cristianismo a partir da Palavra Revelada.

Sem dúvida, o anúncio de Cristo (Palavra Encarnada) é o primeiro serviço em favor do Reino que a Igreja pode prestar⁷¹. Assim o anúncio profético do "Kerigma" deve ser, também hoje, como o foi na Igreja primitiva o anúncio da salvação que vem pelo Crucificado-Ressuscitado. A fé proto-cristã nomeia a cruz e ressurreição de Jesus Cristo como o acontecimento unitário sobre o qual se fundamenta a nossa salvação⁷². A fé cristã que deve ser proposta à cidade é, portanto, a fé num Messias sofredor. Como escrevia Dietrich Bonhoeffer: somente um Deus sofredor pode ajudar. Somente a partir do Cristo "Servo de Iahweh, a Igreja pode evangelizar a cidade na linha libertadora proposta por Medellin, sem cair presa de ideologias e fanatismos"⁷³.

⁶⁵ A cidade grega era habitada pelo "animal político", a cidade medieval e renascentista pelo "homo oeconomicus" a megalópole da era pós-moderna está sendo habitada pelo "homem do desejo". Não é por menos que o Papa João Paulo II, em sua visita à Polônia em 1991, fez um duro discurso no qual condenou "toda civilização de desejo e prazer que agora se faz de senhora absoluta sobre nós, beneficiando-se de todos os meios de sedução. Isso é civilização ou anti-civilização?", citado por C. BERSNSTEIN e M. POLITI. *Sua Santidade*. Ed. Objetiva, 1996, pp. 498-499.

⁶⁶ Cf. J. CHESNEAUX. *Modernidade Mundo, brave modern world*. Vozes, Petrópolis 1995, p. 26.

⁶⁷ H. COX. *Que a serpente não decida por nós*. Ed. Civilização Brasileira, Rio 1970, p. 129.

⁶⁸ Cf. *Ad Philadelfensis* 4,1. Santo Agostinho vai dizer: "Naquilo que a Escritura expressamente afirma, acha-se tudo o de que temos necessidade para a nossa vida de fé e para a nossa moral". *De doctrina christiana*, II, 14.

⁶⁹ J. COMBLIN. *A Teologia frente à Evangelização*. *Revista O Seminário* 210 (1996) p. 353.

⁷⁰ CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, n. 24.

⁷¹ JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*, n. 20. A sabedoria segundo a concepção cristã se atinge só pelo conhecimento do "mysterium Christi" (2Tm 3, 15; Fl 3). Cristo é o autor e consumidor da fé (Hb 12,2) a qual é base para a teologia.

⁷² Cf. E. LOHSE. *A história da paixão de Jesus Cristo*. Paulinas, S. Paulo, 1977, p. 14.

⁷³ Pedro Carlos CIPOLINI. *Teologia e Pastoral da Igreja na cidade*. In: *REB* 219 (1995) 601-602. Cf. IL REGNO (Attualità), 18 (1996) p.525. Cf. tb. opinião neste sentido de Bernard HÄRING. *É possível mudar*. Ed. Santuário, Aparecida 1994, pp. 26-27 e 53.

Desafio de ajudar dizer e a mostrar à cidade um novo rosto de Igreja

Se a teologia é uma atividade eclesial, como ficou dito acima, se compreende que ela deva ajudar na tarefa de explicitar o sentido da existência da Igreja para a cidade e, mais ainda, ajudar a tornar visível este “sacramento-sinal”, porque o sinal que não se torna visível não pode ser compreendido. “O maior desafio da pastoral urbana está em tornar ‘pública’ a presença da Igreja na cidade”⁷⁴. O teólogo Kahrl Rahner, indica cinco pontos capitais, que sinalizam uma transformação da Igreja, a fim de que ela seja compreendida pelo homem moderno das cidades⁷⁵. São eles:

* Abertura: No futuro devemos ser não apenas uma Igreja de portas aber-

tas, mas uma Igreja francamente aberta. Esta abertura não exclui a fidelidade, porém é uma mudança de atitude que inclui uma das maiores virtudes evangélicas: a tolerância e convivência com um pluralismo legítimo.

* Ecumênica: Uma Igreja com objetivos honestamente ecumênicos. Isto depois do Vaticano II ficou mais claro. Jamais podemos supervalorizar o que até aqui se conquistou neste campo, muito ainda se tem que trabalhar⁷⁶. A Igreja sempre foi plural, mesmo nos grandes momentos de sua unidade, tanto no plano prático como no plano doutrinal⁷⁷. Uma teologia “para a paz entre cristãos, judeus e muçulmanos precisa ser formulada para evitar futuras guerras e, também, para evitar a intolerância e a síndrome da concorrência”⁷⁸.

⁷⁴ A. ANTONIAZZI. *Princípios teológicos pastorais para uma nova presença da Igreja na cidade*. In: Cleto CALIMAN e A. ANTONIAZZI. *Presença da Igreja na Cidade*, Vozes, Petrópolis 1994, p. 92. “Antes de tudo, é evidente que a busca de uma presença adequada à sociedade moderna se impõe como condição de todo o resto...”, P. VALADIER, p. 170.

⁷⁵ Cf. K. RAHNER. *Estruturas em mudança. Tarefas e perspectivas para a Igreja*. Vozes, Petrópolis 1976, pp. 85-116. Na trilha desta proposta de K. Rahner vêm sendo feitas todas as demais sugestões e reivindicações de mudanças na Igreja.

⁷⁶ Basta pensar na imensa tarefa que o papa propõe na encíclica *Ut Unum Sint* quanto a uma possível revisão da maneira de exercer o ministério petrino (papal). JOÃO PAULO II. *Ut Unum Sint*, n. 95 e 96.

⁷⁷ J. M. TILLARD. *Pluralismo Teológico e mistério da Igreja*. In: *Concilium* 01 (1984) p. 92.

⁷⁸ Cf.: H. KÜNG. *Projeto de ética mundial, uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Paulinas, S. Paulo 1992, p. 176. “Uma teologia da paz, em torno da qual a Igreja toda se unisse, é hoje possível e necessária”; C. F. VON WEIZSACKER. *O tempo Urge (documento da Assembléia mundial de cristãos em prol da justiça, da paz e da preservação da natureza)*, Vozes, Petrópolis 1991, p. 57.

* A partir das Bases: “A Igreja do futuro há de ser uma Igreja constituída a partir da base, das comunidades que se formam pela própria iniciativa e livre associação”⁷⁹. Isto quer dizer, como propõem as CEBs da Igreja na América Latina, envolver as bases da Igreja no seu ser e fazer, delineando uma Igreja de participação e comunhão (fraterna e mais democratizada) e de libertação integral (profético-transformadora). Enfim, é uma reorganização da Igreja como Povo de Deus, numa situação em que a Igreja se tornou mundial⁸⁰. A teologia tem a tarefa de mostrar que a salvação vem das periferias: “apostando mais nesta tendência do pequeno, do comunitário, do solidário, sem desconhecer a importância e imprescindibilidade do

movimento hegemônico macroestrutural”⁸¹. A Igreja jamais poderá abdicar da comunidade, pois ela é uma dimensão bíblica da fé cristã. Tem que permanecer mesmo em meio ao individualismo erigido como “regra de fé” da modernidade e pós-modernidade.

* Uma Igreja de ampla “comunhão e participação em todos os níveis”⁸².

Não vamos entrar, aqui, no debate sobre democracia na Igreja⁸³, mesmo porque é evidente que a Igreja não pode ser uma democracia como a entendemos na sua aplicação ao Estado Civil: “A Igreja não é uma monarquia nem uma democracia; é uma comunhão”, afirma com propriedade Paul Valadier⁸⁴. A Igreja é um mistério de comunhão.

⁷⁹ K. RAHNER. In: op. cit. p. 97. A Igreja nasceu a partir das comunidades domésticas e deve voltar de certa forma a dar importância a este fato. Jesus foi mais aceito nas casas que nas sinagogas e no Templo, isto deve nos fazer pensar.

⁸⁰ Cf. W. BUHLMANN. *Anno 2001, modelli per una chiesa universale*. Ed. Dehoniane, Napoli 1986.

⁸¹ J. B. LIBÂNIO. *Modernidade e desafios evangelizadores*. In: *Vida clamor e esperança*, Loyola, S. Paulo 1992, p. 102.

⁸² Esta foi a grande proposta de fundo formulada em Puebla. Veja verbetes referentes a “comunhão e participação” in: G. DOIG. *Dicionário. Rio, Medellín, Puebla*. Loyola, S. Paulo 1992.

⁸³ Cf. J. RATZINGER e H. MAIER. *Democracia na Igreja, possibilidades, limites, perigos*. Paulinas, S. Paulo 1976. O que se pretende dizer com democratização é que o homem da cidade não vai aceitar uma Igreja com forte concentração do poder ministerial, sem possibilidade de participação. Isto numa época em que o empenho das pessoas de boa vontade nas grandes cidades caminham para a conquista da “democracia social”, que no dizer do sociólogo Herbert de Souza (Betinho) é a palavra chave no ideário político mundial e inclui: participação sem exclusão, igualdade na dignidade e no direito, diferença respeitadora e comunicação para o diálogo.

⁸⁴ Cf. P. VALADIER. In: op. cit. p. 202.

O que se quer dizer com “democratização” é: a) a superação do dualismo entre o serviço da hierarquia e profetismo, entre a instituição e carisma, transformando a Igreja, no “sacramento do poder-serviço”⁸⁵; b) aproveitar melhor o que está contido na constituição dogmática *Lumen Gentium* do Vaticano II que vê a Igreja (Corpo de Cristo) no seu todo, como sacramento e fonte de todos os sacramentos, como “Povo de Deus” o qual é, primordialmente, “povo de sacerdote, profetas e pastores (reis)” c) ver o que é a vontade de Jesus Cristo para sua Igreja, para sempre, e o que é mera cristalização histórico-cultural de formas de organização modificáveis”. Enfim, a teologia deve ajudar a Igreja a responder dois grandes desafios que são constitutivos de seu ser sacramental: “o imperativo da justiça (anúncio do Reino) e o impe-

rativo da transformação evangélica do exercício da autoridade (ministérios)⁸⁶.

* Uma Igreja que ajuda a fazer a crítica social.

O que foi proposto pela teologia do progresso e do político no contexto europeu, a teologia na América Latina formulou com felicidade na Teologia da Libertação⁸⁷ ou seja, a fé com incidência prática na vida, devendo levar o cristão ao engajamento sócio-político em favor da justiça do Reino, em favor da vida. Pode-se resumir esta tarefa da Igreja ao dizer que se ela for fiel ao Evangelho, “o seu anúncio produz aquilo que os teólogos chamam *a crise do Reino...*”⁸⁸. A Teologia deve apresentar sua contribuição a um entendimento maior entre os povos, à pacificação global da terra na justiça, na remoção das estruturas sociais e políticas e na preservação do criado.

⁸⁵ Cf. Clodovis BOFF. *Teses sobre o poder*. In: *Revista de Cultura*, Vozes 85 (1991) p. 45; Cf. tb. Yves CONGAR. *Igreja Serva e Pobre*. Ed. Logos, Lisboa 1964.

⁸⁶ Cf.: J. I. GONZALES e FAUS. *Fazer Teologia e fazer-se Teologia*. In: VV.AA. *Vida e Reflexão, contributo da Teologia da Libertação ao pensamento teológico*. Paulinas, S. Paulo 1987, p. 81.

⁸⁷ Clodovis BOFF no prefácio da reedição autocrítica da sua obra *Teologia e Prática: Teologia do político e suas mediações*. Vozes, Petrópolis 1993, define a Teologia da Teologia da Libertação como: “Teologia da Libertação histórica na perspectiva da libertação integral”, assumindo com mais ênfase assim o que propõe a *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação de 1986 na sua conclusão*: “A libertação, em sua significação primordial, que é soteriológica, prolonga-se, assim, em missão libertadora, em exigência ética”. Cf. Tb. J. R. REGIDOR. *La Teologia della Liberazione*. Datanews Ed., Roma 1996, onde fez um balanço retrospectivo dos 25 anos da TdL e no qual ele diz ser a TdL a expressão teológica mais autorizada do Terceiro Mundo.

⁸⁸ H. COX. *A cidade do homem*. Paz e Terra, Rio 1971, p. 150.

Desafio de criar uma “teologia simbólica”

É no nível da imaginação que o cristianismo parece mais fraco. O nosso tempo necessita, e é tarefa da teologia a construção imaginativa da relação Deus-mundo⁸⁹. Faz falta uma história ou teologia narrativa, um mito, que cativa a imaginação. De fato, estamos passando de uma civilização ideacional/racional para uma civilização sensorial. A percepção da mensagem só funciona se ela é passada em forma visual de imagem: “Há uma liquidação da referência das linguagens: imagens e símbolos substituíram-se ao real, instaurou-se uma gigantesca pressão dos modelos sobre a realidade”⁹⁰. É pelas imagens que o cidadão contempla e projeta sua identidade.

É preciso que a teologia recupere a dimensão cósmica da fé, pois as teologias que desmaterializam a salvação são incapazes de compreender a encarnação. É preciso redescobrir o simbolismo histórico, pois o símbolo é o único modo de aceder as realidades mais profundas e de chegar à

totalidade da pessoa. Assim, pode-se superar o intelectualismo racionalista, o idealismo e o cientificismo positivista. A perda do simbólico tem como consequência a leitura dos relatos bíblicos em linha jurisdicista e institucionalista. As primeiras vítimas do esquecimento do simbólico são o povo pobre (não intelectualizado e freqüentemente analfabeto), excluído. “Somente uma teologia simbólica poderá fazer do pobre um lugar teológico privilegiado”⁹¹, já que o cristianismo coloca o pobre como imagem de Cristo Redentor em uma sociedade onde o pobre é imagem negativa, da não redenção.

Desafio de uma antropologia teológica em sintonia com a criação

Perante as questões que são colocadas à teologia (ecologia, clonagem humana, ética e economia, genoma humano, etc.) é imprescindível que a teologia formule uma antropologia que leve em conta a interligação da pessoa humana com todas as outras criaturas e o que a todos é comum; ao contrário da antropologia teológica

⁸⁹ Cf. S. McFAGE. In: op. cit. p. 56.

⁹⁰ S. MATELLI, *A religião na sociedade pós-moderna*, Paulinas, S. Paulo 1995, pp. 428-429.

⁹¹ V. CODINA. *Parábolas de la mina y el lago*. Sigüeme, Salamanca 1990, p. 119. Leve-se em conta que as verdades mais profundas Jesus as revelou em forma de parábolas e comparações simbólicas e não em frases, axiomas e máximas doutrinárias.

moderna que partia da pergunta pelo que diferencia a pessoa das outras criaturas, a antropologia cristã deixou de lado a sua tradição bíblica quando declarou, em primeiro lugar, a pessoa humana como ponto central da terra, quando, no relato bíblico, o homem foi a última criação de Deus. Para compreender, amplamente, a existência da pessoa humana temos que começar com as inter-relações e contextos, nos quais a pessoa emerge e dos quais ela vive: com o surgimento do cosmos, da evolução da vida e da história da consciência e não com a posição especial da pessoa no cosmos ou com a sua consciência de sujeito. "Há uma comunidade de criação e a pessoa humana é membro dela"⁹².

Desafio de formular uma teologia na perspectiva da justiça

O desafio que representa a sociedade moderna exige que a teologia se interesse pela realidade do mundo

do trabalho. "Ao não manter-se essa abertura à realidade do pobre, dos trabalhadores, as Igrejas e a teologia permanecem em posicionamento que certamente não interessa àqueles que experimentam, quotidianamente, a dura realidade da exploração social"⁹³. Vive-se, na cidade, o fim de uma ética no trabalho; o homem não aparece mais a partir do que ele faz, mas a partir do que consome. Atualmente, há mais de oitocentos milhões de desempregados e subempregados, principalmente nas grandes cidades do mundo, pois a automatização tende a excluir a mão de obra. Trabalhador e trabalho se desvalorizam diante do mercado que se erige em motor do sistema.

A necessidade de uma teologia do trabalho fermentou-se em longos anos de militância operária de cristãos; hoje, faz-se uma pergunta pertinente: como fazer do sujeito do trabalho o sujeito da reflexão de fé a partir do trabalho? Os desempregados das ci-

dades formam um grande contingente que ou estão na pobreza e miséria, ou caminham para ela. A pobreza é muito mais provocadora na cidade porque mostra um mundo onde não há razões técnicas para que muitos vivam mal. Os pobres das cidades morrem diante de vitrines cheias do necessário para viver.

Desafio de ajudar a formular uma nova espiritualidade

Na cidade, é necessário ter uma espiritualidade mais explícita. O homem da cidade que sente o vazio como uma constante, busca desesperadamente um sentido. Na literatura, no cinema, e nas inúmeras "feiras místicas" espalhadas pelas cidades, pode-se perceber a busca do espiritual. Seria superficial ver nestas buscas um simples psicologismo. Justamente esta cultura moderna racional e técnica que fez desaparecer a transcendência é que faz emergir uma nova exigência mística. O reavivamento hodierno de tendências místicas na área do saber e da arte, o retorno à religião e ao

mito são reações ao moderno racionalismo ocidental dualístico-cartesiano, escreve Edward Schillebeeckx: "Essa florescência tem a ver com a sensação de impotência no campo sócio político após os anos sessenta, época em que, principalmente os jovens, acreditavam que podiam mudar a sociedade inteira"⁹⁴.

É preciso que a teologia ajude a trabalhar uma espiritualidade de horizontes universais, mesmo partindo de uma matriz cristã. A espiritualidade não é patrimônio exclusivo de pessoas especiais, profissionalmente religiosas ou santas, nem sequer é privativa dos crentes⁹⁵. No futuro, no dizer de Simone Weil, não é o modo como uma pessoa fala de Deus o que me permite saber se fez morada no fogo divino, porém é a maneira como fala das coisas terrenas, pois o Espírito de Deus encheu toda a Terra. Na cidade, pode-se perceber a mais alta teologia nos lugares onde menos se imagina, como por exemplo, na canção intitulada "Sobre todas as coisas", interpretada por Gilberto Gil:

⁹² J. MOLTSMANN. **Deus na criação. Doutrina ecológica da criação.** Vozes, Petrópolis 1993, p. 272-273. "A fim de entender a existência humana e a determinação humana é preciso reconhecer as pessoas nos contextos abrangentes da história de Deus com o mundo, com a criação e com a salvação"; *Ibidem*, p. 277. Cf. tb. Leonardo BOFF. **Princípio Terra, a volta à Terra como pátria comum.** Ática, S. Paulo 1995.

⁹³ Julio de SANTA ANA. *Teologia e modernidade.* In: A. A. SILVA (org.). **América Latina: 500 anos de evangelização, reflexões teológico-pastorais,** Paulinas, S. Paulo 1990, p. 199. Cf. tb. R. I. A. CUNHA. *A vitória do carpinteiro, apontamentos para uma reflexão de fé sobre o trabalho.* In: Marcio Fabri dos ANJOS (org.). **Inculturação: desafios de hoje.** Vozes, Petrópolis 1994, p. 121-137. Nunca é demais repetir o que afirmou o Papa João Paulo II na Encíclica **Laborem Exercens**, n.6: "O trabalho é a chave de toda a questão social", nesta mesma encíclica evidencia-se a necessidade de uma "teologia do trabalho"; Cf. L. E. n.9.

⁹⁴ E. SCHILLEBEECKX. **História humana Revelação de Deus,** Paulus, S. Paulo 1994, p. 97. Surge a necessidade de formular uma espiritualidade na linha do que propõe Teilhard de Chardin: A verdadeira felicidade é de crescimento: unificação de nós mesmos no âmago de nós mesmos (centração); união de nosso ser com os outros seres (descentração) subordinação de nossa vida a uma vida maior (socialização); Cf. T. CHARDIN. *As direções do futuro* (palestra em Pequim 1943). In: ARCHANJO (org.). **Teilhard de Chardin: Mundo, Homem, Deus,** Ed. Cultrix, S. Paulo 1978, p. 85s.

⁹⁵ Cf. P. CASALDÁLIGA e J. M. VIGIL. **Espiritualidade da libertação.** Vozes, Petrópolis 1993, p. 26.

"Pelo amor de Deus/ Não vê que isso é pecado, desprezar quem lhe quer bem/ Não vê que Deus até fica zangado vendo alguém/ Abandonado pelo amor de Deus/ Ao nosso Senhor/ Pergunte se Ele produziu nas trevas o esplendor/ Se tudo foi criado - o macho, a fêmea, o bicho, a flor/ criado para adorar o criador/ Se o criador/ inventou a criatura por favor/ Se o barro fez alguém com tanto amor/ para amar nosso Senhor/ Não, nosso Senhor/ Não há de ter lançado em movimento a terra e o céu/ Estrelas percorrendo o firmamento em carrocel/ Pra circular em torno ao Criador/ Ou será que Deus/ Que criou nosso desejo é tão cruel/ Mostra os vales onde jorra o leite e mel/ E esses vales são de Deus/ Pelo amor de Deus/ Não vê que isso é pecado/ desprezar quem lhe quer bem/ Não vê que Deus até fica zangado vendo alguém/ Abandonado pelo amor de Deus"⁹⁶.

Desafio de um centro de teologia

Em relação a este desafio, não é preciso se prolongar. É necessário um centro de irradiação, de reflexão e de

elaboração teológica capaz de se espalhar por toda a cidade. É o que acontecia nas grandes cidades do início do cristianismo; famosas foram sobretudo as "escolas" de Alexandria no Egito e de Antioquia na Síria. Sintetizo a questão com o que escreve José Comblin: "Sem centro de teologia, uma Igreja particular não pode dialogar com as demais comunidades da Igreja Católica; não pode trazer contribuição universal. Sem centro de teologia não é capaz de expressar-se para si mesma e para os outros"⁹⁷ e podemos acrescentar, expressar-se para a cidade.

CONCLUSÃO

O mundo começa a ser uma gigantesca cidade interdependente, em que selvas e desertos subsistem apenas com o explícito consentimento de uma metrópole global: reserva ecológica, área reservada à pesquisa ou ao lazer, etc.: "Dirão os futuros historiadores que o século XX foi o século em que o mundo inteiro se tornou uma cidade imensa"⁹⁸. Na pós-modernidade que muitos pretendem ser também uma época pós-cristã, cabe à teologia desempenhar sua missão de

sempre: falar sobre Deus de forma inteligível. É papel da teologia abordar, sem medo, as questões relevantes ou seja, aquelas questões que tocam na parte em que o futuro faz pressão sobre o presente.

A teologia, para ter futuro na megalópole, deverá expressar a verdade contida na Revelação e compreendida através da corrente ininterrupta da Tradição da Igreja, ensinada pelo Magistério⁹⁹. De qualquer forma, deve ser uma teologia que seja muito mais que uma técnica; uma arte (*ars*); uma teologia que leve em conta o mundo pós-confessional e inter-religioso que vai se delineando, voltada para o ecumenismo. Uma teologia feita com amor, pois só se pode ser veraz com amor (Ef 4,15). Uma teologia que, ao ser comunicada, no dizer de Rubem Alves, leve em

conta que "o espírito da linguagem deve exprimir o espírito do homem que fala"¹⁰⁰. Enfim, uma teologia que ajude a construir na cidade "a civilização do amor", como a delinea Paulo VI¹⁰¹.

Enfim, podemos até dizer que o século XXI já se iniciou com o confronto que se delineia entre Norte e Sul, confronto que se dará sobretudo nas megalópoles. E em se tratando da teologia feita no sul, deverá ser (sem dúvidas) uma teologia que prospere sob o signo da *liberdade* como chave de leitura. Há uma exigência urgente em se pregar o "Evangelho da Liberdade" em uma cultura onde o consumismo se apresenta como a forma pós-moderna de compreender e viver a liberdade. A consciência da liberdade conjugada com os direitos humanos é uma das características de nosso tempo¹⁰². "Sem dúvida, a liber

⁹⁶ EDU LOBO e CHICO BUARQUE. *O grande circo místico* (álbum), canção n.8.

⁹⁷ J. COMBLIN. *O futuro dos estudos teológicos na América Latina*. In: *Os sinais dos tempos e a evangelização*. Duas Cidades, S. Paulo 1968, p. 25.

⁹⁸ H. COX. *Que a serpente não decida por nós*. Ed. Civilização Brasileira, Rio 1970, p. 121-122.

⁹⁹ Sobre a questão do Magistério e teologia, remeto à obra de F. A. SULLIVAN. *Il magistero nella Chiesa Cattolica*. Cittadella Ed., Assisi 1993.

¹⁰⁰ R. ALVES. *Da Esperança*, Papirus, Campinas 1987, p. 118. PAULO VI na *Evangelii Nuntiandi*, n. 26, vai com razão falar que o testemunho é imprescindível na realidade hodierna em se tratando de falar sobre Deus.

¹⁰¹ Cf. *Audiência Geral* de 31/ 12/ 1975. In: *L'Osservatore Romano*, 01 de janeiro de 1976 e Documento de Puebla ns. 1188-1192.

¹⁰² Cf.: CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação* (1986).

¹⁰³ J. COMBLIN. *Cristãos rumo ao século XXI, nova caminhada de libertação*. Paulus, S. Paulo 1996, p. 56. "Tudo, segundo Paulo, pode ser resumido numa palavra: **liberdade**. Todos os elementos do cristianismo recebem a sua luz desse enunciado fundamental. Todo o resto concorre para a liberdade e somente é cristão o que constrói a liberdade".

dade é o que toca no mais profundo do ser humano moderno”, afirma José Comblin¹⁰³, sendo um dos grandes temas da agenda teológica do Sul, da qual a teologia da Libertação representa a voz mais autorizada e mobilizadora¹⁰⁴.

Infelizmente, a perspectiva do aumento dos pobres nos grandes centros é uma realidade. A teologia não poderá ser feita para uma minoria mas para esta grande massa de deserdados abandonados à própria sorte nas cidades grandes, quase ingovernáveis. A teologia deverá articular uma linguagem que mostre o Deus de Jesus Cristo como um Deus de misericórdia, deve ser uma teologia tanto do *intelectus fidei* quanto dos *intelectus amoris*, capaz de ser compreendida por esta grande maioria: “O fim da teologia é a volta à linguagem simples do povo, pois as verdades reveladas atingem sua expressão mais perfeita

quando enunciadas com toda exatidão em termos simples da linguagem ordinária: Deus quis falar aos simples; coincidir a vida com a Palavra de Deus só é possível numa linguagem que responda à intenção de Deus.

Concluindo: uma teologia capaz de ensinar o homem da metrópole a “mergulhar no calor da batalha e deixar seu coração aos pés do Senhor”, é o que diz o sacerdote Krishna para o príncipe Arjuna, no livro sagrado dos hindus, o *Bhagavad-Gita*. Uma teologia que, como a fênix, anuncie constantemente (renascida das cinzas), à Águia, o começo do futuro da história, simbolizado na Nova Jerusalém descida do alto: “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5).

Pe. Pedro Carlos Pedro Cipolini é Doutor em Teologia Sistemática pela Universidade Gregoriana, Roma, e professor de Eclesiologia no ITCR da PUCAMP.

¹⁰⁴ Cf. R. GIBELLINI. *II confronto tra teologia del nord e teologia del sud*. In: *Ressegna di Teologia* 37 (1996) 47-62; Cf. tb., JOÃO PAULO II. *Mensagem do Santo Padre ao Episcopado do Brasil* (1986) n.5: o Papa afirma que a TdL é não só útil mas necessária, desde que seja coerente com os ensinamentos do Evangelho, da Tradição e do Magistério.

EVANGELIZAR A CIDADE

Rev. Abival Pires da Silveira

A cidade é uma arquitetura. É uma arquitetura humana. É uma criação e construção do homem. A história do homem é a história da cidade e a história da cidade é a história do homem. São inseparáveis: Homem e Cidade; Cidade e Homem.

Patrick Geddes descreve o ciclo evolutivo das cidades como que submetidas a um destino inexorável. Começa com a “polis”, cidade modesta em suas origens, que cresce na sombra; segue-se a “metrópole”, cidade importante, que cria outra cidade em seu redor com a sobra de sua energias; a “megalópole”, cidade hipertrofiada, que busca mais seu próprio volume e grandeza do que a felicidade de seus habitantes; a “parasitópolis”, cidade que consome sem produzir e vive sugando recursos; e, por último, a “patópolis”, cidade que luta inutilmente contra os germes da morte.

Lewis Mumford repete o mesmo esquema dando-lhe alguns retoques.

Distingue também seis fases: a “eópolis”, cidade nos seus inícios; a “pólis”, cidade já bem caracterizada pelos seus contornos próprios; a “metrópole”, cidade que se faz centro de convergência de uma região; a “megalópole”, cidade que busca o quantitativo e se transforma em máquina de opressão das massas; a

“tiranópolis”, cidade transformada em burocracia e que transforma o povo em proletariado; e a “necrópolis”, cidade decadente, abandonada à sua própria sorte. Esse ciclo evolutivo das cidades, nada otimista, vem desafiando os novos urbanistas a descobrirem caminhos novos para essas cidades, mas todos, ao invés de apontar novos caminhos, imaginaram um futuro ainda mais industrial - a cidade superindustrial, que hoje pensamos jamais venha a existir. Quem o sabe! De qualquer forma, só para mexer com a nossa imaginação, aqui vão alguns exemplos futuristas.

Doxiadis, urbanista grego, projetou “Ecumenópolis”, uma cidade mundial, um único sistema urbano rodeando todo o planeta, habitado por 20 milhões de pessoas.

Yona Friedman propõe nova Paris sobre a Paris existente. Uma malha reticular onde as habitações se encaixariam segundo a necessidade.

Na Inglaterra, o grupo Archigram propõe uma cidade onde os edifícios são compostos por cápsulas habitáveis, como as da nave Apollo.

Kiyonori Kikutake, no Japão, propõe uma cidade com espigões flutuantes sobre a baía de Tóquio. São as chamadas cidades-ponte, cidades aéreas, cidades flutuantes, cidades subterrâneas.